



Gênero em Kaingang? ¹

Wilmar da Rocha D'Angelis²

o gênero gramatical é uma
das categorias gramaticais
menos lógicas e mais inesperadas
A. Meillet

o sistema lingüístico, ainda que
desnudado de 'razão' (ou, talvez à
força de ser desnudado de razão),
sempre fala à imaginação e a dirige
L. Hjelmslev

Introdução

A língua Kaingang apresenta uma particular alternância vocálica envolvendo vogais nasais baixas, e que foi tratada, tradicionalmente, em parte como fruto de diferenças dialetais, em parte como um caso de “variação livre”. Meu contato, ao longo de duas décadas, com falantes de várias comunidades Kaingang, particularmente de Xapecó (SC), Nonoai e Inhacorá (RS), permite-me formular a interpretação de estarmos diante de um uso semelhante a um *classificador*, mas com características que permitem pensá-lo como um caso de *gênero*, e que talvez já esteja em desuso em algumas ou em diversas comunidades falantes da mesma língua.

Em síntese, em um conjunto amplo de nomes (mas, também, em alguns casos de verbos), uma alternância de pronúncia é possível (e, onde isso opera, parece desejável), utilizando-se a vogal nasal aberta anterior [ɛ̃] quando se apresenta uma circunstância que associe o termo aos qualificativos “alto / comprido” ou “fino / difuso”, e utilizando-se a vogal nasal aberta posterior [ɔ̃] quando, para o mesmo termo, se apresenta uma circunstância que o associe aos qualificativos “baixo/redondo” ou “grosso/compacto”. Em outras palavras, não se trata de um componente exclusivamente semântico (o que apontaria para classificadores), mas de uma alternância morfofonológica (semelhante a uma marca de gênero no que esta tem de componente semântico-pragmático) que permite distinguir, por exemplo, a “lua cheia” da “lua minguante”, do mesmo modo que um “olho grande” de um “olho pequeno”.

A oposição *ror* x *téj* (*baixo/redondo* x *alto/comprido*) é importantíssima como categoria classificatória na cosmovisão Kaingang, associada às metades exógamas patrilineares *Kanhru* e *Kamẽ*, respectivamente (cf. Veiga 1994). Animais, plantas e pessoas (estas, por sua descendência, mas também por seus nomes) são classificados em um desses campos. O caso da alternância vocálica em questão (até hoje não descrita desta perspectiva), tratar-se-ia de uma ampliação ou gramaticalização daquele sistema classificatório? Um outro fato lingüístico corroboraria a hipótese: a existência de formas verbais específicas selecionadas para co-ocorrer, conforme o caso, com objetos “redondos” ou “compridos”.

¹ Publicado em *Línguas Jê: estudos vários*, organizado por Ludoviko dos Santos e Ismael Pontes (Londrina: Eduel, 2002, p. 215-242). Originalmente apresentado durante o 1º Encontro sobre Línguas Jê (Londrina, UEL, 2001).

² Doutor em Lingüística e indigenista. Professor no Departamento de Lingüística do IEL - UNICAMP.

A partir da conclusão desse trabalho não se deve (mais) atribuir a distinção de pronúncias como [ki'jẽ] x [ki'jõ] (“lua”) a simples diferenças dialetais. A realidade lingüística, nesse caso, é mais rica e reveladora, e muito mais interessante que o descarte mágico da “variação livre”.

A interpretação de uma questão lingüística, segundo os falantes

Quando comecei a conviver com os Kaingang, como indigenista, no oeste catarinense e norte do Rio Grande do Sul, me interessava por sua língua, mas havia inúmeras tarefas urgentes, como lutas por terras, busca de alternativas econômicas e tantas outras, e tudo isso dirigia nossas interações para o uso do Português. Apesar disso, mantinha meu interesse por aprender a língua. Buscando conhecer o que diziam sobre ela os que a haviam estudado, da leitura de Wiesemann (1967) fixei a idéia de distinções dialetais demarcando o uso alternante das vogais nasais [ẽ] e [õ]. Não sendo, então, lingüista e sem condições de um estudo sistemático, assumi a informação como correta, mas meus ouvidos teimavam em ouvir pronúncias que não se enquadravam no esquema. Como não eram o centro de minhas preocupações, eu descartava o problema com hipóteses sobre origens diversas das pessoas da aldeia, ou dos pais das pessoas que eu conhecia.

Quando a lingüística começou a ser mais que passatempo, voltei a pensar na questão, mas não busquei organizar os fatos. Assim, há uma dezena de anos, pouco mais ou menos, perguntei ao Kaingang Vicente Fókáe (que havia sido meu primeiro professor de sua língua, bons anos antes), por que a diferença de pronúncia de certas palavras, que ora eu ouvia com [ẽ], ora ouvia com [õ]. O momento não era propício; era o fim de uma longa estada e, naquele momento, também o fim de uma longa entrevista sobre assuntos históricos, mas ainda assim não deixei passar a pergunta, em função de uma palavra qualquer, em Kaingang, que ouvira alguém pronunciar na casa dele. A resposta me surpreendeu, mas não me esclareceu naquele momento: “É que um é mais fino; o outro é grosso. É feminino e masculino”.

Meu conhecimento da língua, ainda que restrito, me permitia saber que “feminino” e “masculino”, no sentido de sexo, na língua Kaingang, obedeciam a outro recurso de marcação³. Ao mesmo tempo, esse conhecimento me garantia que não se tratava de uma fala masculina versus fala feminina, porque um mesmo homem ou mulher eu ouvira, vez ou outra, pronunciar uma palavra de modo diferente do que já ouvira em outra oportunidade, e ouvia homens e mulheres pronunciar de modo idêntico os mesmos termos, em outras ocasiões. Mantive as palavras de Vicente na memória, mas não segui com a investigação.

Uma excelente oportunidade de retomar a questão surgiu em minhas atividades de assessoria lingüística a programas de educação escolar indígena. Acompanhando e assessorando a escola indígena dos Kaingang de Inhacorá (noroeste do RS) desde 1998, tive a oportunidade de dirigir a

³ Naquele momento, meu entendimento era que o sexo feminino é marcado, em Kaingang, pela partícula “fi”. Assim, diferencia-se “boi” e “vaca”: monh (= [ˈmbojɲ]) e monh-fi (= [ˈmbojɲfi]), respectivamente. Voltarei, porém, a essa questão, no correr desse texto.

elaboração de material específico de alfabetização na língua indígena para aquela comunidade. Um dos momentos desse trabalho foi da seleção das palavras-tema geradoras em Kaingang e, posteriormente, a elaboração de um cartaz, ilustrado, para cada um dos temas.

Várias discussões lingüísticas ocorreram, com os professores Kaingang de Inhacorá, em todo o período, e isso constituiu (e constitui), para mim, uma das melhores experiências de que um lingüista pode participar. Algumas das discussões diziam respeito à escrita, dado o descontentamento bastante generalizado com a atual ortografia “oficial” do Kaingang e, igualmente, em razão das peculiaridades dialetais que, em cada aldeia, os professores muitas vezes pretendem ver representadas nela. Uma dessas discussões, em um dos encontros de 1999, foi sobre a escrita da palavra que, em Kaingang, denomina a Lua: “Kysã”, na ortografia “oficial”⁴.

Nesse encontro, discutindo que “há duas pronúncias” para a palavra “kysã”, um dos professores tentou a seguinte explicação: “Nós que sabemos a escrita, falamos [ki'ʃɔ̃] ; os mais velhos falam [ki'ʃɛ̃]”. Propus que os demais professores discutissem a explicação. Na seqüência, porém, o professor Sebastião Luiz Camargo fez a seguinte colocação: “Minha avó diz [ki'ʃɛ̃] quando a lua está pequena, e [ki'ʃɔ̃] quando está grande”⁵.

Quando, finalmente, resolvi explorar o tema, voltando às minhas notas de campo de pesquisas desde o início dos anos 80, encontrei, entre outras, a seguinte distinção apontada por João Alfredo Fortes Ndorê, natural de Nonoai:

“lua = [ki'ʃɛ̃]
lua (quando está para cheia) = [ki'ʃɔ̃]”⁶

A informação do falante de Nonoai, à época um homem sexagenário, confirmava a observação do professor Kaingang de Inhacorá, a partir da fala de sua avó. Foi com essa inspiração inicial que resolvi explorar o assunto.

Segundo Wiesemann

Se procuramos a interpretação desses fatos em Wiesemann (sem dúvida, a lingüista que mais demorada e aprofundadamente estudou e quem mais publicou sobre a língua Kaingang⁷), podemos pinçar duas referências diretas. A primeira, de um trabalho didático de meados dos anos 60, e a segunda, de sua tese, publicada no início dos anos 70:

1) “Os (ɛ̃) e (ã) se pronunciam mais aberto do que no Português. No Paraná há, na escrita, dois sons diferentes: o (ɛ̃) (escrito < ã >) e o (ã) ou (ɔ̃) (escrito < ã >). O (ɔ̃) se pronuncia mais aberto que em Português (bom). No Sul há somente um som, escrito < ã >, que se pronuncia como (ɛ̃), (ã) ou (ɔ̃).

⁴ Cf. WIESEMANN 1971:63. Na ortografia Kaingang proposta por Wiesemann e imposta aos falantes nativos, [ɔ̃] é escrito “ã”.

⁵ Encontro de Estudo e Planejamento Escolar dos Professores Kaingang da Escola Indígena Marechal Rondon, da Área Indígena de Inhacorá (RS), 24/03/1999. Notas de meu caderno de trabalho.

⁶ Língua Kaingang - Toldo Chimbanguê, SC, Cad. n° 2, p. 91, dados 623 e 624, de 27/02/87 (Fita 9-A).

⁷ Na *Bibliografia Kaingang*, da qual sou um dos principais responsáveis, relacionamos 24 trabalhos de Wiesemann, entre os quais, pelo menos uma dúzia de estudos lingüísticos originais. Cf. VÁRIOS AUTORES 1998:134-137.

A pronúncia varia com o ambiente: ao lado de vogais anteriores (i, e, ε, ĩ) geralmente se pronuncia como (ě), ao lado de vogais médias (y, ə, a, ə̃) geralmente se pronuncia como (ã) e ao lado de vogais posteriores (u, o, ɔ, ũ) geralmente se pronuncia como (õ). Mas também pode se pronunciar à vontade, ou todos como (ě), ou todos como (ã) ou todos como (õ), dependendo da inclinação do falante. Ao lado da consoante /nh/ geralmente se pronuncia como (õ)” (WIESEMANN 1967:2).

2) “No dialeto Sul⁸ existe apenas uma vogal baixa nasalizada /ã/, cuja região de alofonia abrange a vogal / æ / do dialeto Paraná. Essa vogal surge com freqüência na fala, de modo que no dialeto Sul existe ainda bem mais homofonia do que no dialeto Paraná” (Wiesemann 1972:40)⁹.

Wiesemann assume a análise fonológica de Kindell, que apresenta em apêndice na sua tese. No que diz respeito a essa questão, o estudo de Kindell (1972:204-5), tomado aqui como “referência indireta” da interpretação da própria Wiesemann, diz:

“Os vocálicos fonemas nasalizados /ɛ̃/, /ã/ e /õ/ tem alofones em variação livre. /ɛ̃/ varia de um vocóide nasalizado vozeado central meio-fechado não-arredondado [ɛ̃] a um vocóide nasalizado vozeado central meio-aberto não-arredondado [ɛ̃̆]; /ã/ varia de um vocóide nasalizado vozeado central pouco aberto não-arredondado [ã] a um vocóide nasalizado vozeado posterior pouco fechado arredondado [ɔ̃]; /õ/ varia de um vocóide nasalizado vozeado posterior meio-fechado arredondado [õ] a um vocóide nasalizado vozeado posterior bem fechado arredondado [ũ].”

Como se vê, as “explicações” vão pelo escape da “variação livre” (governada pela “inclinação do falante”¹⁰), lugar onde se escondem ou para onde se varrem importantíssimas questões sociolingüísticas, mas não apenas.

No entanto, a intuição dos falantes mostra que se trata de outra coisa, de um fenômeno aparentemente regulado por alguma noção semântica.

Segundo Guérios

Mansur Guérios foi dos importantes lingüistas brasileiros da primeira metade do século XX com interesse no estudo de línguas indígenas vivas. Guérios pesquisou o Kaingang, apesar do pouco tempo de contato direto com falantes. Ainda assim, chegou próximo de perceber os fatos de que estamos tratando, embora não tenha distinguido casos típicos de pares mínimos (formas lexicais distintas pela diferença no emprego de um dos fonemas na cadeia) das verdadeiras alternâncias vocálicas num mesmo ítem lexical. Eis uma síntese do que escreveu, tratando dos dialetos do Tibagi (com base em dados de Val

⁸ Na tese, Wiesemann fala de 3 dialetos: Paraná, Sul e São Paulo (e Xokleng, como quarto dialeto). Em outros trabalhos (cf. Wiesemann 1971), fala de cinco: São Paulo, Paraná, Central, Sudoeste e Sudeste.

⁹ Nessa e demais citações de textos a partir de publicação em outra língua, as traduções são de minha responsabilidade.

¹⁰ Wanda Hanke, pesquisadora alemã radicada na Argentina, visitou os Kaingang do Tibagi, PR (ver nota seguinte) nos anos 40 e também interpretou as alternâncias como mera ‘variação’: “*La pronunciación no es uniforme. Una vez se oye kragñ, otra vez krêgn, un tercero dice krygn.*” (Hanke 1950:77).

Floriania) e de Palmas (dados do próprio Guérios)¹¹, nos anos 40:

“Alternâncias simbólicas - Parece que no caingangue se verifica (...) o curiosíssimo fenômeno da verdadeira alternância, i.é, uma diferença de noção entre duas ou mais palavras coexistentes, sincrônicas, e que se relacionam entre si, produzida por qualquer diferença fonética, mas que às vezes também se alia diferença na forma (...)

“Denunciam-no os seguintes exemplares do tibagiano: (...) gan, “quebrar”: gon, idem; xamb, pegar: xemb, idem; ran, entrar: ren, correr, pular; van, pôr: ven, idem; vá-vá, dilatar: ve, estender; ha, sim: he, idem; kan, tudo: ken, id.; kara, entrar: kéra, id.; kara, depois: kére, id.; fan, quebrar: fen, id.; gan, derrubar: gen, roubar à força; ga, gritar: ge, brigar; gap, quebrar: gop, id.; na, deitar: ni, sentar; ha, bom: hö, idem; min, gente: men, animal; ta, em: te, em: tö, em; ka, em: ki, em: ko, em: ku, em. No palmense: hóg-hóg, cão: hóg-hóg, cachorro do mato; káfêi, flor: kaáfêi, folha; kaikó, kaiká, kaiké, céu: kaikié, nuvem; ttâin, palmito: tãin, palmeira; nhantkâ, porta: nhótkó, idem; tarai, macio: tanâin, mole; kaikó, primo: ke(n)-kê, irmão.” (Guérios 1942:151)

Nos exemplos distinguem-se casos de pares mínimos (‘*entrar*’ x ‘*pular*’, ‘*flor*’ x ‘*folha*’), mas há casos em que a mudança de sentido é pequena, quase a indicar derivação ou correlação direta entre os termos (‘*cão*’ e ‘*cachorro do mato*’, ‘*dilatar*’ e ‘*estender*’, ‘*macio*’ e ‘*mole*’) e, ainda, casos em que o mesmo termo tem registros fonéticos distintos, sem que Guérios possa esclarecê-los.

Alguns parágrafos adiante, Guérios acrescenta o comentário: *“é bem plausível que, em muitos casos, se trate apenas de variação nos fonemas¹², sem qualquer mudança de sentido. Comparem-se, no palmense: ixág, ixóg, eu; katín, kétin, vir; hamí, hémí, pão; etc.”* (Idem, pg. 152). É curioso, porém, que nesse último trecho, exatamente onde se rende à ‘*variação*’ desprovida de significação, Guérios apresente termos em que a alternância vocálica parece ter função distintiva.

Classificadores e Línguas-Classificadoras

Não há possibilidade de resenhar, aqui, a extensa literatura lingüística acerca de classificadores e de gênero. Vamos tomar em conta, porém, algumas demarcações sugeridas por outros pesquisadores.

Allan (1977:285) define **classificadores** por dois critérios:

“(a) eles ocorrem como morfemas nas estruturas de superfície sob condições especificáveis; (b) eles têm significado, no sentido de que um classificador denota alguma característica percebida ou imputada à entidade à qual um nome a ele associado se refere (ou pode referir)”¹³.

¹¹ O Rio Tibagi parte do centro-leste do Paraná em direção norte, desaguando no Paranapanema. Suas margens, nas porções média e baixa, são território tradicional Kaingang. Junto com grupos do centro do Paraná, os do Tibagi partilham um dos dialetos Kaingang. Os Kaingang de Palmas, na divisa Paraná-Sta Catarina, partilham com os do Xapecó (no oeste catarinense) um mesmo dialeto. No momento em que escrevo esse trabalho, as terras dos Kaingang do Tibagi (áreas de Apucarana, São Jerônimo e Mococa) encontram-se novamente ameaçadas de esbulho, desta vez por um empreendimento hidrelétrico.

¹² Os sentidos de “Fonologia” e “fonema”, em Guérios, são pré-estruturalismo de Praga, e não se devem confundir com os usos atuais. No trecho em questão, leia-se “variação fonética”.

¹³ Por conta do critério (b), o mesmo autor sugere que: *“Em geral, o gênero europeu é semanticamente*

O mesmo autor aponta que há três formas de “decidir se classificadores têm ou não significado”, a saber: (i) “usar a intuição do falante nativo” (ii) “usar a intuição de um estrangeiro observador sobre a composição das classes nominais reveladas pelos classificadores”; (iii) “introduzir novas palavras e objetos para um grupo de falantes nativos e ver quais classificadores eles usam”. Para ele “qualquer desses métodos revelará que, na maior parte dos casos, os classificadores têm significado. (...) A evidência mais forte da classificação semântica é a habilidade dos falantes nativos para classificar novos objetos, consistente e facilmente, com base nas suas características observadas (...)” (Allan 1977:290).

Segundo Allan, “a relação entre nomes e classificadores em línguas-classificadoras¹⁴ é normalmente explicável, mas nem sempre previsível sem profundo conhecimento da língua em questão. Entretanto, não é incomum uma classe nominal incluir um conjunto de membros que PARECE ter sido arbitrariamente atribuído, apesar de que uma explicação racional pode se revelar a um pesquisador diligente.” (Idem, p. 294). De fato, sua conclusão quanto a isso é que “não pode haver dúvidas de que classificadores refletem agrupamentos perceptuais” ou, em outras palavras, que “classificadores são correlatos lingüísticos da percepção” (Idem, pp. 307-8).

Tendo comparado mais de 50 línguas-classificadoras, aquele autor reconheceu, nelas, sete categorias de classificação: “(i) material, (ii) forma, (iii) consistência, (iv) tamanho, (v) localização, (vi) arranjo e (vii) quantidade” (Idem, p.297). Uma afirmação forte de Allan é que “os cinco primeiros ocorrem apenas em línguas-classificadoras” (Idem, ibidem). Isso nos leva a pensar que, em Kaingang o que encontramos é um *classificador* relacionado à categoria “forma”. Aliás, é interessante observar uma semelhança parcial com o que se constata na língua Navajo (EUA). Nas palavras de Benjamin Whorf:

“Em Navajo (...) alguns termos pertencem à classe redonda, outros à classe de objeto-comprido, enquanto outros pertencem a classes que não dependem da forma. (...) Duvido que tais distinções, pelo menos em Navajo, sejam simplesmente reconhecimentos lingüísticos de diferenças não lingüísticas objetivas que seriam as mesmas para todos os observadores (...); antes, parece tratar-se de categorias gramaticais fechadas. Assim, quando se aprende a língua Navajo, tem que se aprender também que ‘tristeza’ pertence à classe ‘redonda’” (Whorf [1945] 1971a: 109)¹⁵.

Em relação à ressalva de Whorf, contra um ‘mapeamento’ direto da semântica na gramática, vale confrontar a observação de Aronoff – tratando precisamente de “gênero e classes de flexão nominais” – segundo a qual, “apesar de tendermos a pensar as propriedades morfossintáticas como reflexos ou, pelo menos, descendentes de categorias semânticas como sexo e animabilidade”, ele mesmo não teria ainda encontrado “quaisquer exemplos

vazio e os morfemas de gênero das línguas européias não são classificadores no sentido desse trabalho” (Allan 1977:291).

¹⁴ “Classifier languages”.

¹⁵ Citando Hoijer (1945), Kiyomi informa que os classificadores Navajo incluem uma classe única por ‘animabilidade’ (para coisas vivas) e três classificadores de ‘forma’: objetos redondos, objetos compridos e objetos tipo-corda. A diferença entre ‘comprido’ e ‘tipo-corda’ estaria em que, o primeiro significa ‘rigidez’, e o último, ‘flexibilidade’ (Kiyomi 1992:27).

(*histórica e sincronicamente*) de propriedades morfossintáticas totalmente imotivadas” (Aronoff 1994:62).

Se muitas das observações acima sugerem tomar o Kaingang por “língua-classificadora”, outras delimitações parecem contrariar fatos dessa língua. Dixon (1986:105) propõe diferenciar *classes de classificadores nominais*. Para ele, “a categoria gramatical de **classes nominais** (incluindo a maior parte dos sistemas de gênero) e o fenômeno léxico-sintático de **classificação nominal** (incluindo classificadores numerais)” são distintos.

Segundo propõe distinguir, “*classes nominais constituem um sistema gramatical obrigatório, no qual cada nome escolhe uma, de um pequeno número de possibilidades. Modos de marcar classe nominal incluem um prefixo ao nome (...) como nas línguas Banto; um artigo obrigatório, como em Francês e Alemão; ou um sufixo flexional que funciona como portmanteau de caso e classe nominal, como no Latim.*

“*Classificadores nominais são sempre lexemas separados, que podem ser incluídos com um nome em certos ambientes sintáticos...*” (Dixon 1986:105)¹⁶.

Entretanto, nos fatos até aqui mencionados, para o Kaingang, o que se observa é uma alternância morfofonológica, mais semelhante a uma flexão, e que, se não corresponde exatamente a uma das formas de realização de *classes nominais*, segundo Dixon, menos ainda se parece com um lexema *classificador*, nos moldes que ele propõe.

Dixon (1986:106-7) sugere três critérios distintivos entre *classes de nomes* e *classificadores*, que se podem resumir assim: (i) TAMANHO: *classes nominais* implicam o agrupamento de todos os nomes de uma língua em um limitado número de classes (normalmente, de 2 a 20), enquanto o número de classificadores costuma ser muito maior; (ii) REALIZAÇÃO: *classes nominais* sempre constituem um sistema gramatical fechado – à semelhança de número, caso e tempo –, em que qualquer membro pode ser especificado como o complemento dos outros membros do sistema¹⁷, sendo que essas informações gramaticais podem ser fundidas em um único morfema; em contraposição, classificadores são sempre formas livres; (iii) ESCOPO: a marcação de classe nominal implica a existência de um sistema de concordância gramatical (com outros termos), enquanto, para os classificadores nunca existe qualquer referência a eles fora do sintagma nominal no qual eles co-ocorrem com o nome especificado (ou onde, algumas vezes, ocorrem no lugar do nome especificado).

Vejam, pois, o que dizem alguns autores sobre *gênero*, antes de olharmos com mais detalhe aos exemplos da língua indígena em discussão.

Gênero

Em primeiro lugar, ainda que bem conhecida, é ter em mente a idéia de que gênero gramatical não tem, necessariamente, relação com “gênero natural”

¹⁶ Marianne Mithun (1986:388) é igualmente categórica quanto aos classificadores: “*Todas as raízes classificatórias começaram sua existência como nomes*”.

¹⁷ O exemplo dado é o do Latim, no qual ‘*não-masculino ou neutro*’ deve ser ‘*feminino*’. Em Kaingang podemos sabermos que o que não é ‘*feminino*’ está na outra classe (precisamente dos *não-femininos*’).

ou sexo. Não apenas no sentido de que o “feminino” e o “masculino” gramatical podem não corresponder aos sexos feminino e masculino, mas também no sentido de que “gênero” não é uma categoria que pode dizer respeito apenas a “feminino” e “masculino”. Citando Aronoff (1994: 66):

“A propriedade especial de gêneros como classes gramaticais de substantivos é que elas se distinguem umas das outras com respeito à concordância e não que elas são baseadas em sexo. O Webster torna explícito o segundo ponto ao incluir forma e animabilidade, ao lado de sexo, como exemplos dos tipos de ‘características distintivas’ que podem servir como base para gênero”. Assim, podemos encontrar línguas em que os gêneros sejam animado x inanimado, como podemos ter masculino x feminino x neutro, como também é possível encontrar-se redondo x comprido, e assim por diante.

Para Corbett (1991:4), *“o critério determinante de gênero é concordância; esse é o modo pelo qual os gêneros são ‘refletidos no comportamento de palavras associadas’, na definição de Hockett”*. Com isso, Corbett descarta o tratamento dos classificadores em seu clássico **Gender**, *“porque eles não apresentam concordância”* (Corbett 1991:5).

Entretanto, o mesmo autor reconhece a necessidade de definir “concordância”. E segundo ele, muitos pesquisadores incluem o controle de pronomes anafóricos por seus antecedentes (*a garota... ela*) como parte de concordância. Uma consequência de aceitar isso é que, línguas nas quais os pronomes são a única evidência para gênero, deveriam ser reconhecidas como tendo um sistema de gênero. Corbett aceita essa abordagem (que reconhece, não ser unânime) mas, por isso, chama aquelas línguas de ‘sistemas de gênero pronominal’ (cf. Corbett 1991:5).

Segundo Corbett (1991), Aronoff define dois critérios para reconhecer gênero em uma língua qualquer: *“Uma língua terá gênero se e somente se nós encontrarmos naquela língua (1) alguma forma de concordância com nomes que (2) envolva uma distinção entre classes de nomes, não interessando o quanto possa haver de base semântica nessa distinção. De fato, uma vez que concordância e gênero são fenômenos sintáticos, a questão da natureza das bases substantivas de um gênero é, em princípio, irrelevante às nossas preocupações atuais, que são sintáticas e morfológicas”* (Aronoff 1994:66).

Quanto à forma como os falantes atribuem gênero às palavras que conhecem, ou às novas palavras a que são expostos, Corbett recusa a idéia de que o falante de uma língua deva memorizar a classificação de milhares de nomes; em lugar disso, defende que a atribuição do gênero *“pode depender de dois tipos básicos de informação sobre o nome: seu significado (semântica) e sua forma. Informação sobre a forma pode, por sua vez, ser de dois tipos: estrutura da palavra, compreendendo derivação e flexão (morfologia) e estrutura sonora (fonologia)”* (Corbett 1991:7-8).

Deixando para discutir o critério da concordância adiante, percebemos, aqui, que as formas de atribuição de gênero elencadas pelo autor, tornam viável pensar nos fatos do Kaingang como um caso de gênero: o falante se socorreria de critérios semânticos (forma do objeto) e fonológicos (a alternância vocálica referida). Com base naqueles possíveis determinadores do gênero das palavras, Corbett reconhece quatro tipos de sistemas:

Atribuição de Gênero I: Sistemas Semânticos

1. Sistemas semânticos estritos
2. Sistemas predominantemente semânticos

Atribuição de Gênero II: Sistemas Formais

3. Sistemas morfológicos
4. Sistemas fonológicos

Os do tipo I.1 “são sistemas nos quais o significado de um nome determina seu gênero e no qual, igualmente, dado o gênero de um nome, pode-se inferir algo sobre seu significado” (Corbett 1991:8). Os do tipo I.2 são aqueles que possuem regras semânticas de atribuição do gênero, mas que permitem um conjunto de exceções que não podem ser tomadas simplesmente como esporádicas. Esse “resíduo semântico” compreende nomes cujo gênero não é assinalado de acordo com um critério semântico positivo. Os sistemas morfológicos do tipo II.3 “são relacionados aos sistemas semânticos”, primeiro porque “eles sempre têm um núcleo semântico”, por não haver sistemas “puramente morfológicos”: “as regras morfológicas atribuem gênero aos nomes no resíduo semântico, ou seja, elas são requeridas onde as regras semânticas falham”. Em segundo lugar, porque “elas também podem sobrepor-se às regras semânticas”. (Corbett 1991:34). Finalmente, no tipo II.4, apenas um elemento fonológico (um traço, por exemplo) cumpre o papel que os morfemas realizam no tipo II.3. Nas palavras do autor: “se, para estabelecer o gênero de um nome nós precisamos referir a mais de uma forma – seja a diferentes formas flexionais, como no caso do Russo; ou ao nome e aos elementos dos quais ele é derivado, como no Alemão – então nós estamos lidando com uma regra de assinalamento morfológico. Se, por outro lado, gênero pode ser estabelecido por referência a uma única forma, então nós estamos lidando com uma regra fonológica” (Corbett 1991:51).

Esse último caso – tanto quanto I.1 – nos interessa para pensar o Kaingang. Exemplos de Corbett mostram o uso da posição do acento em Qafar (Etiópia e Djibouti) para distinguir ‘masculino’ e ‘feminino’; a qualidade da vogal final da palavra, em Hausa (Nigéria e Niger), para fim semelhante; uma distinção entre três vogais (ε, ɔ, u), em Godie (Liberia e Ivory), para classificar ‘animais grandes’, ‘animais pequenos’ e ‘líquidos’/‘elementos naturais’; etc.

Um pouco mais do Kaingang

Como vimos, com uma alteração no traço de anterioridade/posterioridade da vogal nasal baixa, pessoas mais velhas entre os Kaingang de Inhacorá, de Nonoai e de Xapecó refletem ou atribuem linguisticamente uma distinção de forma em objetos referidos do mundo:

Kiʲfẽ = lua
Kiʲfõ = lua cheia¹⁸

Outras distinções com o mesmo recurso têm sido registradas. Em

¹⁸ Segundo os Kaingang., primariamente a Lua é Kanhru e o Sol é Kamê (cf. Veiga 2000:78).

Inhacorá, também na elaboração do material didático para alfabetização, em 1999, os professores Kaingang fizeram discriminação entre “nẽn” e “nõn”, para significar tipos distintos de “mato”:

Nẽn = *capoeirão* (mato ralo, pouco espesso, fino)

Nõn = *mato virgem* (mato fechado, compacto, grosso)¹⁹

Nos registros de pesquisa com o Kaingang João Ndorẽ, de Nonoai, encontrei a alternância também no emprego de um adjetivo:

Kẽʃĩr = *pequeno, miúdo* (em: “estrelas pequenas”)

Kõʃĩr = *pequeno, miúdo* (em: “balaio pequeno”)

Wiesemann, em seu Dicionário (1971:43), não traz a forma desse termo com [ẽ], mas apresenta “kõʃĩr” (ortograficamente: *kãsir*) com a tradução: “*pequeno, miúdo pl.*”. Os dados de João Ndorẽ, porém, apontam para outra direção: ou a forma com [ẽ] é que se emprega como “plural” (ao menos, naquele dialeto), em oposição à forma com [õ] ou – como acredito ser mais provável – a forma com [õ] se aplica a objeto “redondo”, “grosso”, “compacto” (como no caso de “mato”, acima), enquanto [ẽ] se usa para um objeto “comprido”, porque “difuso”, “pouco espesso”, “fino” (no caso das “estrelas”).

No Xapecó, aliás, encontrei uma distinção semântica, com o mesmo recurso, que me leva a uma interpretação semelhante, mas aplicada a um verbo. Interroguei o Kaingang Salvador sobre o motivo de usar a forma “tẽn”, para o verbo “matar”, quando em outra ocasião eu registrara, com ele mesmo, a forma “tõn”. A resposta foi, *ipsis literis*: “Se usa [nota: tẽn] quando é bastante bichinho; quando é um só, usa tõn”²⁰. O falante – como fez Wiesemann – tenta traduzir para o que lhe parece ser a categoria mais próxima na gramática do Português²¹. Mais uma vez, porém, à luz do que já se disse acima, julgo adequado interpretar como segue:

Tẽn = *matar* (animal ralo, difuso, esparramado)²²

Tõn = *matar* (animal redondo, compacto, grosso)

Relaciono, na Tabela **A**, abaixo, algumas palavras para as quais possui registros nas duas formas, com [ẽ] e com [õ].

¹⁹ Em Xapecó (SC) a distinção se faz entre dois termos: Nẽn e Wõĩĩ.

²⁰ Salvador Capanema Kẽnhkra. 31/3/93 e 06/04/93 - fita 2-A. Cad. Língua Kaingang - p. 19v, n° 493.

²¹ Salvador é alfabetizado e lê em Português com certa fluência.

²² No exemplo em que foi empregado, observa-se outro aspecto semântico esclarecedor: os “ratos” caçados pelos Kaingang nos banhados não eram pegos em unidade, e nem mesmo a caça deles era feita por um homem sozinho. Costumavam organizar um grupo, preparar as armadilhas e, finalmente, à noite, flechar muitos animais na ‘ceva’. Depois, organizavam uma grande refeição conjunta. Ao contrário disso, matar uma anta ou um veado sempre era uma caça a apenas um animal.

TABELA A²³

Português	Kaingang “comprido”	Kaingang “redondo”	Observações
1. cesto	= kɛ̃j	= kɔ̃j	com o mesmo falante
2. coqueiro/butiá ²⁴	= tɛ̃ɲ	= tɔ̃ɲ	com o mesmo falante
3. descendência/filhote	= krɛ̃	= krɔ̃	com o mesmo falante
4. milho	= ɲɛ̃ɽ	= ɲɔ̃ɽ	com o mesmo falante
5. pé	= pɛ̃n	= pɔ̃n	com o mesmo falante
6. pena	= fɛ̃r	= fɔ̃r	com o mesmo falante
7. sogro	= ka'krɛ̃	= ka'krɔ̃	com o mesmo falante
8. tatu	= fɛ̃n'fɛ̃n	= fɔ̃n'fɔ̃n	com o mesmo falante
9. veado	= kɛ̃'mbe	= kɔ̃'mbe	com o mesmo falante
10. debulhar milho	= ɲrɛ̃ɲ	= ɲrɔ̃ɲ	com o mesmo falante ²⁵
11. vir	= kɛ̃n'tɿɲ	= kɔ̃n'tɿɲ	com o mesmo falante
12. plantar	= krɛ̃n	= krɔ̃n	com falantes diferentes
13. maracanã x arara	= kɛ̃n'kɛ̃r	= kɔ̃n'kɔ̃r	com falantes diferentes ²⁶

Ainda que a lista seja restrita – ou exatamente por isso – percebe-se que não se dá um emprego universal e irrestrito da categorização possível pela alternância vocálica, o que aponta para a arbitrariedade desse sistema, aproximando-o do papel dos classificadores.

Concordância

Vejamos, ainda, que tipo de concordância poderíamos encontrar em Kaingang, uma vez que esse é um dos critérios sugeridos por outros pesquisadores para o reconhecimento da ocorrência de *gênero*.

Mencionei (em nota, acima) que há cerca de uma década entendia que o sexo feminino é marcado, em Kaingang, pela partícula “fi”. Mais tarde, adotei

²³ Formas fonéticas simplificadas.

²⁴ A distinção entre “palmeira” (“coqueiro alto”) e “butiazeiro” (“butiá”) é frequentemente realizada pelo acréscimo, ao termo tɛ̃ɲ/tɔ̃ɲ do qualificativo “tej” (alto/comprido), ao primeiro termo, e “ror” (baixo/redondo) ao segundo. Na classificação das plantas, o primeiro é Kamẽ e o segundo é Kapru.

²⁵ Coincidência ou não, no único dado em que o falante empregou “ɲgrɛ̃ɲ” o sujeito da oração era feminino, enquanto nos outros 4 dados, com “ɲgrɔ̃ɲ”, o sujeito gramatical era masculino.

²⁶ Trata-se de um caso curioso, em que um falante do Xapecó dá, para “arara”, um termo modificado a partir do nome do papagaiozinho “maracanã”. O termo para “arara” normalmente dado é kɔ̃ʔɛɲ

ponto de vista ligeiramente diferente. Vejam-se os seguintes dados²⁷:

1. Kẽmbe ti	(um) veado macho	6. Ũntẽtã fi	(uma) mulher
2. Kẽmbe ʔag	veados machos	7. ɪɲɲ prũ fi	minha esposa
3. Kẽmbe ɲgrɛ	veado macho	8. Kẽmbe ɲgrɛ ʔag	veados machos
4. Kẽmbe ũntẽtã	veado fêmea	9. Kẽmbe ũntẽtã fag	veados fêmeas
5. Ũɲgrɛ	(um) homem	10. Ũɲgrɛ ʔag	homens

A forma [ɲgrɛ] (/ɲgrɛ/), presente nos dados 3, 5, 8 e 10, é o item lexical que significa “órgão sexual masculino” e, por extensão, “macho”, sendo o recurso usado para explicitar esse sexo, quer em animais, quer em seres humanos. De modo muito semelhante, a forma [tẽtã] significa “fêmea”, e é usada para explicitar o sexo feminino, tanto em animais como em humanos²⁸. Sendo assim, em 1 e 2 a informação do sexo masculino é deduzida da forma gramatical que indica *gênero* e *número*: “ti” =[ti], para masculino singular, “ʔag” =[ʔag] para masculino plural. Os correspondentes femininos de *gênero* são “fi” =[fi] e “fag” =[fag], que se vêem nos dados 6, 7 e 9. Tanto isso é correto que em 6, 8, 9 e 10 coexistem os itens lexicais que indicam sexo natural e os marcadores de *gênero* masculino e feminino singular e plural.

Observem-se, agora, os dados 5 e 7. Vemos que, em 7, a indicação de *gênero* feminino parece redundante ou dispensável, uma vez que o termo ‘esposa’ remete ao sexo feminino²⁹. Justamente isso mostra a autonomia do *gênero* gramatical, e percebemos que essa marca gramatical está relacionada também com número. E, enquanto em Kaingang a forma feminina parece ser obrigatoriamente marcada, a masculina (ou, melhor dizendo, toda a “não-feminina”³⁰) apenas opcionalmente o é. De fato, a forma masculina é sempre necessária quando o número precisa ser esclarecido (sendo obrigatória para o número plural)³¹.

Como está dito, a presença da marca gramatical pode dispensar a marca de sexo explícita, porque a subentende. O mesmo acontece em Português. É improvável encontrar uma situação em que alguém diga algo como: “a jornalista fêmea” ou “meu companheiro macho”. A presença do determinante (e a flexão no nome, se entendermos assim: “companheir-o”) é suficiente para identificar o referente e seu sexo. Assim, o Kaingang não diria coisas como “ɪɲɲ prũ tẽtã fi”, mas provavelmente utilizará *gênero* gramatical para esclarecer expressões como: “ɪɲɲ rɛɲgrɛ ti” (*meu companheiro*) e “ɪɲɲ rɛɲgrɛ fi” (*minha companheira*). O papel dos elementos “ti”, “fi”, “ʔag” e “fag” como *numeral* parece bastante evidenciado, remetendo o *gênero* gramatical

²⁷ Os dados 3, 4, 8 e 9 são adaptados de Val Florianiana 1918:540.

²⁸ Há pequena diferença com o masculino, porque a forma para “órgão sexual feminino” é outra.

²⁹ Isso vale para quaisquer outros termos semelhantes, como “mãe”, “sogra”, etc.

³⁰ Formas como “kur ti” (roupa+3^ap.sg.ñ-fem) e “ɲõr ti” (milho+3^ap.sg.ñ-fem), são correntes.

³¹ No entanto, havendo um numeral explícito, não parece ser exigida concordância, como em: rɛɲgrɛ kɔɲɲɲ tẽtã fi = (dois-filho-fêmea-3^ap.sg.fem) = *duas filhas* (adaptado de Val Florianiana 1920:169).

“feminino x não-feminino” a um claro caso de concordância.

Por outro lado, o caráter pronominal dos elementos “ti”, “fi”, “taŋ” e “faŋ” é facilmente reconhecível. Teríamos, assim, também um caso de “*gênero pronominal*”, na orientação de Corbett (1991). A concordância pronominal à distância é facilmente encontrada e, tão ou mais comum que o uso anafórico, é o seu emprego em catáfora (tomadas as línguas genericamente, independente de sua forma própria de construção sintática)³². Vejam-se esses exemplos (em forma fonológica):

- a) pĩ winwir fi tɔŋ iŋŋ rɛŋgre fi
 lenha buscar 3ªp.sg.fem. Nom. 1ªp.sg. companheiro 3ªp.sg.fem.

Ela foi buscar lenha, a minha companheira

- b) ti taŋ ter , mĩŋ ti
 3ªp.sg.não-fem. Nom. morrer tigre 3ªp.sg.não-fem.

*Ele morreu, o tigre*³³

Em qualquer dos casos discutidos acima, há regras exigindo concordância. Compare-se com Português (com a diferença de que, nessa língua, o morfema para gênero ‘feminino’ é sufixado à palavra): há uma diferença de regras quando se diz, nessa língua: “*linda ponte*” ou “*linda jornalista*”. No primeiro caso, a atribuição de *gênero*, no adjetivo, é puramente sintática (não há correlato semântico, nenhum elemento conceitual em jogo). No segundo caso, a atribuição de *gênero* é semântica (relacionada a sexo) e sintática. E, se alguém olhando uma mulher, diz apenas: “*linda*”, igualmente há exigências sintática e semântica em jogo, em sua fala. Semântica porque {-a}, nesse caso, faz referência ou indicação a um referente do sexo feminino no mundo real; e sintática porque a organização da língua exige que um adjetivo expresse um dos *gêneros*, por regra, uma vez que não lhe é inerente. Aronoff (1994:71) toca no mesmo ponto, tratando do Espanhol:

“Gênero é uma categoria sintática que é especificada lexicalmente por um lexema ou assinalada por regra. Para nomes (...) gênero é especificado lexicalmente. No caso de adjetivos, o gênero é disposto sintaticamente por concordância. Alguns nomes provavelmente adquirem seu gênero por regra, ainda que não por regra sintática. Pode-se argumentar pela existência uma regra conceitual que atribui Masculino e Feminino a palavras para referentes biologicamente macho e fêmea que não são pré-especificados para gênero”.

Além do caso acima (que leva a pensar em *gênero* e *concordância*), há uma segunda situação relacionada à categorização “*alto / comprido x baixo /*

³² O parêntese tem o sentido de alertar para os usos inconvenientes de termos forjados na perspectiva de uma língua para a descrição de outras. Anáfora (e catáfora) podem ser pensadas exclusivamente do ponto de vista da “precedência no tempo”, isto é, na linearidade temporal da emissão do enunciado. Porém, de um ponto de vista da organização da sintaxe, seria possível pensar na anáfora (e catáfora) funcionando “inversamente” no caso de línguas que se organizam com cabeça à direita, e não à esquerda. Em outras palavras: “antecedente” e “seguinte” podem ser tomados em sentido temporal ou em sentido estrutural.

³³ Os Kaingang costumam traduzir “mĩŋ” por “tigre”, em vez de “onça”. Talvez até porque em Português “onça” é termo marcado, ‘feminino’, enquanto em Kaingang “mĩŋ” é não-marcado (usado com “ti”).

redondo”, que não se realiza por alternância vocálica, mas pelo emprego de distintos morfemas (implicando em restrição semântica de co-ocorrência): o Kaingang seleciona verbo específico para uso com objetos classificados como “alto/comprido” e uma forma alternante para objetos “baixo/redondo”. Veja-se a Tabela B:

TABELA B

Kaingang ³⁴	Português	Casos em que se usa
a) ma ³⁵	<i>carregar</i>	coisa ‘baixa/redonda’
b) wa ³⁶	<i>carregar</i>	coisa ‘alta/comprida’
c) run	<i>carregar</i>	água
d) tuŋ	<i>carregar</i>	coisa nas costas

Com a forma /ma/ (foneticamente [m̃ba]) vão objetos “baixos” e “redondos” como panela, livro, rádio e pedra. Para a forma /wa/ se reservam objetos “altos” e “compridos” como enxada, foice, caneta, arco. A forma /tuŋ/ acompanha coisas como sacos (de milho, feijão, qualquer semente), criança (carregada envolta em coberta, na alça de taquara) e lenha (que nunca é um objeto só, comprido, mas um feixe)³⁷.

Gênero e Classificador em Kaingang

Do exposto, quero concluir:

– a língua Kaingang, da família Jê, possui concordância pronominal, o que a candidata (segundo critérios propostos por Corbett 1991) a possuir ‘sistema de gênero pronominal’.

– a língua Kaingang possui, igualmente, regras de concordância conceitual (na linha proposta por Aronoff 1994), que igualmente confirma suas possibilidades de possuir *gênero*.

– *feminino x não-feminino* constitui *gênero* em Kaingang.

– pela forma como realiza o *gênero* “*feminino x não-feminino*”, o Kaingang aproxima-se do tipo de língua indicado, na classificação de Corbett (1991), como: *sistemas semânticos estritos*.

– coexiste, no entanto, em Kaingang (nos dialetos mencionados), um sistema semântico baseado na oposição de gênero com um sistema de classificação nominal (cf. Aikhenvald 1994:144, 151) que emprega a categoria *forma* (exclusiva de línguas-classificadoras, segundo Allan 1977).

– as alternâncias vocálicas atribuidoras de significação de *forma* em nomes com [ɛ̃] e [ɔ̃] constituem uma parte desse sistema classificador.

³⁴ Forma fonológica.

³⁵ Combina-se com outros verbos, dando: ma-tĩŋ = *levar*, ma-kõĩŋ = *trazer*

³⁶ Combina-se com outros verbos, dando: wa-tĩŋ = *levar*, wa-kõĩŋ = *trazer*

³⁷ Observe-se que, em todos esses casos (sacos, crianças ou lenha) é possível que o objeto assuma, em certas condições, forma “comprida” e, em outras, forma “redonda”.

– classificadores que se prefixam a verbos, selecionados por concordância conceitual com argumentos do verbo, constituem outra parte do sistema classificador “alto/comprido x baixo/redondo”.

– o Kaingang surpreende com o emprego de um recurso fonológico para a expressão das classes “alto/comprido x baixo/redondo” em nomes e verbos.

Como se viu, há características da realização de *gênero* no sistema classificador do Kaingang e há igualmente distanciamento desse sistema, no Kaingang, em relação a línguas-classificadoras prototípicas.

Quero sugerir, para explicar essas aparentes discrepâncias, uma origem fonológica para o classificador “alto/comprido x baixo/redondo” em Kaingang. Como veremos, a origem fonológica sugerida remete, ao final, a uma questão semântica antropológica. De todo modo, assumindo a origem fonológica proposta a seguir, não é demais chamar a atenção à frase de Hjelmslev colocada em epígrafe: “o sistema lingüístico, ainda que desnudado de ‘razão’ (ou, talvez, à força de ser desnudado de razão), sempre fala à imaginação e a dirige” (Hjelmslev [1956] 1991:242).

Sobre a origem do sistema classificador em Kaingang

Sugiro uma hipótese sobre a origem fonológica dos *classificadores nominais* “alto/comprido x baixo/redondo” no Kaingang:

a) a origem é dialetal e fonológica.

b) como os Kaingang costumam ser o resultado, em cada aldeia, de alianças inter-grupos (sempre à luz inspiradora da aliança original que uniu os Kamẽ e os Kanhru - como demonstrou Veiga 1994 e 2000), em alguma(s) aldeia(s) realizou-se a união de um grupo dialetal com formas em [ɛ̃] e um com formas semelhantes, mas em [ɔ̃]. O primeiro grupo seria o que acabou identificado com a marca comprida (atribuído a Kamẽ) e o segundo, com a marca redonda (atribuído a Kanhru).

c) Num primeiro momento, o uso da vogal anterior ou posterior apenas indicava o grupo de origem e, até, a marca (pintura ritual e parentesco) do falante. Como os casamentos são exogâmicos, em cada casa, marido e mulher tinham pronúncias distintas, mas não se caracterizou uma oposição fala feminina x masculina, porque havia homens e mulheres falantes de [ɛ̃] e homens e mulheres falantes de [ɔ̃] no conjunto do grupo.

d) As gerações seguintes decidiriam o destino da fonologia, mas o equilíbrio (real, mas também desejado - cf. Veiga 2000) entre as metades exogâmicas impedia o apagamento de uma das formas (parte da identidade coletiva, pois nos grupos com metades clânicas a identidade remete, antes de tudo, ao clã). Aquelas formas dialetais alternativas ganham, então, significação lingüística (semântica, além daquela de marca de grupo social). Primeiro, relacionam-se as formas em [ɛ̃] com as marcas e formas/objetos referidos à marca “comprida”, e as formas alternantes em [ɔ̃] com as marcas e formas/objetos referidos à marca “redonda”. Em outras palavras: para um objeto apresentado em forma “comprida”, quando sua forma lexical o permite, se emprega a vogal [ɛ̃], que expressa, na forma fonológica, sua forma física (ex: [ki^lɛ̃] para “lua minguante”), e para o mesmo objeto apresentado em forma

“redonda”, se emprega a vogal [ɔ̃], que expressa, na forma fonológica, outra forma do objeto (ex: [ki'ʃɔ̃] para “lua cheia”).

e) Conseqüências que se pode buscar averiguar: (i) seria esperado que o uso das formas alternativas, [ka'krɛ̃] e [ka'krɔ̃], para “sogro”, fossem aquelas dirigidas, respectivamente, por um Kaĩru a seu sogro Kamẽ e por um Kamẽ a seu sogro Kaĩru (em ambos os casos, por uma relação da palavra com o referente)³⁸; (ii) as alternâncias encontradas em [mũ'mɔ̃ŋ] e [mũ'mɛ̃ŋ], [ka'mɛ̃] e [ka'mɔ̃] remeteriam, igualmente, à classificação social (clânica) da pessoa a quem o adjetivo se refere? ; (iii) só nas palavras em que ocorra um dos fonemas – a saber: [ɛ̃] ou [ɔ̃] – a distinção é possível? Ou seja, não haveria possibilidade da distinção ser construída em palavras com outras vogais, por um esquema geral idêntico – mudança no mesmo traço – ou por outro recurso? ; (iv) toda palavra que contenha um desses fonemas deve ou pode realizar a distinção? ; (v) os classificadores, no Kaingang, são mesmo tão restritos como quase sugerem os dados nesse texto?

Como se vê, esse não pretendia ser um trabalho conclusivo, nem mesmo exaustivo sobre o tema, mas apenas o alinhavo de um programa de investigação que se pretende oferecer aos jovens pesquisadores indígenas para que levem adiante, segundo seu interesse de valorização e vitalização de sua língua.

Referências Bibliográficas

AIKHENVALD, Alexandra Y.

1994 - *Classe nominal e gênero nas línguas Aruák*. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, 1994, 10, (2):137-259.

ALLAN, Keith

1977 - *Classifiers*. **Language**, 53, (2):285-311.

ARONOFF, Mark

1994 - **Morphology by itself. Stems and inflectional classes**. Cambridge: MIT Press.

CORBETT, Greville

1991 - **Gender**. Cambridge/UK: Cambridge University Press.

DIXON, R. M.W.

1986 - *Noun Classes and Noun Classification in Typological Perspective*. In C. Craig (ed.). **Noun Classes and Categorization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986:105-112.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur

1942 - *Estudos sobre a língua Caingangue. Notas histórico-comparativas (Dialeto de Palmas - Dialeto de Tibagi) - Paraná*. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, vol. II:97-177.

³⁸ É difícil prever se a língua optaria, nesse caso, por centrar-se no referente ou no falante, uma vez que “sogro” não é qualidade de uma pessoa em si mesma, mas uma relação de uma pessoa com outra. Só o teste da verificação em campo dirá o que os Kaingang escolhem.

HANKE, Wanda

1950 - *Ensayo de una gramática del idioma Caingangue de los Caingangues de la 'Serra de Apucarana', Paraná, Brasil. Arquivos do Museu Paranaense.* Curitiba, vol. VIII:65-146.

HJELMSLEV, Louis

1991 - *Animado e inanimado, pessoal e não-pessoal* (1956). In **Ensaaios Lingüísticos**. São Paulo: Perspectiva, 1991:235-274.

KINDELL, Gloria

1972 - *Kaingáng Phonemics*. In U. Wieseemann (1972), **Die Phonologische und Grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache**. The Hague/Paris: Mouton, 200-211

KIYOMI, Setsuko

1992 - *Animateness and shape in classifiers*. **Word**, 43, (1):15-36.

MITHUN, Marianne

1986 - *The convergence of noun classification systems*. In C. Craig (ed.). **Noun Classes and Categorization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986:379-397.

VÁRIOS AUTORES

1998 - **Bibliografia Kaingang. Referências sobre um povo Jê do Sul do Brasil**. Londrina: Ed. UEL.

VAL FLORIANA, Mansueto Barcatta de, Fr.

1918 - *Ensaio de grammatica Kainjgang*. **Revista do Museu Paulista**, X:529-563.

VEIGA, Juracilda

1994 - **Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê Meridional**. Campinas: IFCH-UNICAMP. Diss. Mestrado. Inédita.

2000 - **Cosmologia e práticas rituais Kaingang**. Campinas: IFCH-UNICAMP. Tese Doutorado. Inédita.

WHORF, Benjamin Lee

1971a - *Categorías gramaticales*. In B.L. Whorf, **Lenguaje, pensamiento y realidad**. Barcelona: Barral Editores, 1971:105-120 [1ª public.: 1945]

1971b - *Consideración lingüística del pensamiento en las comunidades primitivas*. In B.L. Whorf, **Lenguaje, pensamiento y realidad**. Barcelona: Barral Editores, 1971:81-104

WIESEMANN, Ursula

1967 - **Introdução na língua Kaingáng**. [Rio de Janeiro]: SIL, mimeo.

1971 - **Dicionário Kaingáng - Português, Português - Kaingáng**. [Ursula Wieseemann]. Brasília/Rio de Janeiro: Funai/SIL, 1971:63

1972 - **Die Phonologische und Grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache**. The Hague/Paris: Mouton.